

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: AS CONTRADIÇÕES INERENTES AO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Lenildes Ribeiro da Silva¹

Resumo: Parece cada vez mais longe, no mundo moderno, a possibilidade de os Homens se afirmarem como sujeitos autônomos que, no exercício da razão, possam contribuir para o desenvolvimento da humanidade. O desenvolvimento científico e tecnológico apresenta o processo civilizatório como evoluído por um lado, por outro, no entanto, os Homens nunca estiveram tão individualizados e alienados como hoje. Ao buscar compreender as condições que nessa sociedade envolvem a constituição do ser social, podemos questionar: não há uma saída para que o indivíduo venha desenvolver sua autonomia contrariando a ordem existente? Percebo estar na educação a possibilidade de livrar a humanidade da cegueira imposta pela racionalidade constitutiva do sistema capitalista. Porém, a dinâmica da sociedade atual e a constituição do ser social de acordo com a indústria cultural, a família moderna, a alienação pelo processo produtivo, inibem as possibilidades dessa educação vir a acontecer.

Palavras-chaves: Mundo moderno. Racionalidade. Educação.

EDUCATION AND EMANCIPATION: THE INHERENT CONTRADICTIONS TO THE CONTEMPORARY WORLD

Abstract: It's getting harder, in the modern world, the possibility of men to state themselves as autonomous individuals that, in the exercise of reason, can contribute to development of mankind. The scientific and technological development presents a civilizing process. On one hand this process is developed, but on the other hand it seems men have never been so individual and alienated at the present time. Also seeking to understand the conditions that, in this society, involve the social formation of men, we can ask: Is there a way out to a person to develop his autonomy going against the established order? I realize in Education the possibility to set mankind free of blindness that was imposed by the constitutive rationality of Capitalism system. While reflecting about the dynamic of present society and social formation of man, according to the cultural industry, the modern family, the alienation caused by productive process. I finally see no possibility of this Education to happen.

Key words: Modern world. Rationality. Education.

1 INTRODUÇÃO

No contexto da sociedade capitalista, a possibilidade de as mulheres e os homens se afirmarem como sujeitos autônomos que, no exercício da razão, possam contribuir para o desenvolvimento da humanidade, está cada vez mais distante. Na nossa sociedade, a cada dia, os valores materiais sobressaem-se aos valores humanos, a individualização, a competição e a concorrência, essenciais ao desenvolvimento do capitalismo, levam o homem a atitudes subumanas que retratam a barbárie instaurada por esse sistema. No desenvolvimento do

¹ Doutoranda em história e filosofia da educação – UNICAMP. Professora da Universidade Estadual de Goiás.

capitalismo, a nossa sociedade é imersa num processo devidamente esquematizado e direcionado para o capital. Nesse processo, a razão se converte em desrazão e a educação em treinamento de habilidades para o mercado de trabalho. Nesse sentido, a educação se perde no seu objetivo de levar o homem a se realizar como ser humano emancipado, desenvolvendo o pensamento racional capaz de dominar suas atitudes, deixando de agir egoisticamente em favor de um bem comum.

Ao reconhecer a necessidade de que os humanos têm da educação capaz de conduzi-lo à sua autonomia frente à realidade, a educação é apresentada como a possibilidade de livrar a humanidade da cegueira imposta pela racionalidade constitutiva do sistema capitalista. Racionalidade essa, construída e reforçada por esse sistema, que, ao impor seus valores, obscurece a realidade levando o homem a se afundar cada vez mais na barbárie. Assim, busco refletir sobre a dinâmica da sociedade atual que inibe as possibilidades dessa educação vir a acontecer, instaurando assim, uma contradição entre o reconhecimento da necessidade que o indivíduo tem da educação e a adaptação ao sistema que se converte em luta pela sobrevivência conferindo à esse sistema sua consolidação e legitimação.

2 MUNDO MODERNO – QUE SOCIEDADE É ESSA?

A sociedade hoje encontra-se num processo de desenvolvimento do sistema capitalista intenso e acelerado de forma talvez nunca antes imaginado. Porém, em meio a tanto desenvolvimento envolto no progresso científico e tecnológico, as condições de sobrevivência impostas nessa sociedade conduzem o homem à regressão como sujeito capaz de pensar para além dos limites demarcados pela lógica do capital em favor da humanidade. Contrariando sua condição de sujeito de razão, o homem tem se submetido a esse sistema dirigindo cada vez mais seus pensamentos e atitudes ao sucesso do capital.

As condições impostas no sistema capitalista são estruturadas e esquematizadas de tal forma que o próprio indivíduo é quem vai buscar os meios de legitimação e continuidade desse sistema, ou seja, ao se ver como sujeito, passa a lutar ele mesmo pela sua manipulação. Os processos constitutivos da sociedade capitalista são naturalizados e assim, a possibilidade de reflexão se desfaz frente a cegueira criada pelo sistema, e desse modo, conceitos, contradições e processos são obscurecidos, estabelecendo a manutenção da ordem vigente como legítima, natural e inquestionável. Ao contrário dessa naturalização, o retrato da sociedade a que chegamos hoje quanto à individualização, à concorrência, à competição, e

conseqüentemente à barbárie, está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do sistema capitalista, num processo histórico.

Marx (2001), no contexto do século XIX, em que se fez notório o desenvolvimento do capitalismo, busca compreender os fundamentos da economia política nas suas diversas categorias, como a propriedade privada, o capital, a concorrência, o processo de produção, procurando compreender o capitalismo e suas leis, reflexão que trouxe à discussão as desigualdades sociais conseqüentes da alienação produzida nos desdobramentos do processo produtivo. Ao recorrer ao pensamento de Marx, reconhecendo sua profundidade e complexidade, pretendo me ater especialmente às suas reflexões sobre a categoria do trabalho enquanto objetivação do indivíduo, exteriorização do sujeito na realidade, fato ontológico, que, no desenvolvimento do sistema capitalista, se transformou em alienação, no não reconhecimento pelo sujeito do produto do seu trabalho, do processo, e dos outros indivíduos.

Segundo Marx (2001), a alienação no processo de produção capitalista se constitui no não reconhecimento do trabalhador em seu trabalho, ou seja, a forma histórica por que passa o processo do trabalho constitui num retorno para o trabalhador em que este não se reconhece mais como sujeito, porém como objeto. O trabalhador é sujeito porque participa ativamente do processo, ele o faz acontecer, porém, as relações recorrentes nesse processo de objetivação e exteriorização retornam ao trabalhador determinando sua condição no processo não mais de sujeito, mas de objeto, como produto e não produtor. Nesse sentido, o ser humano se coisifica como produto do capital passando a servi-lo, mesmo que, para isso, ele tenha que se conduzir por atitudes contrárias à sua condição humana, ao seu processo de autonomia e emancipação. Desse raciocínio se compreende que a objetivação por meio do trabalho é condição humana, ontológica, no entanto, o processo de alienação é histórico decorrente do modo de produção capitalista. Para Marx, a alienação no trabalho acontece sob três formas: a que se refere ao produto, ao processo de produção e a alienação do homem em relação a si mesmo e aos outros.

O primeiro tipo de alienação se refere ao produto do trabalho, ou seja, o trabalhador produz aquilo que lhe é estranho e que o domina. Ao produzir riqueza e luxo para os proprietários o trabalhador produz para si a pobreza decorrente desse modo de produção. Conforme afirma Marx:

É evidente, o trabalho produz coisas boas para os ricos, mas produz a escassez para o trabalhador. Produz palácios, mas choupanas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformidade para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas encaminha uma parte dos trabalhadores para

um trabalho cruel e transforma os outros em máquinas. Produz inteligência, mas também produz estupidez e a cretinice para os trabalhadores. (MARX, 2001, p. 113)

Assim, quanto mais produtos o trabalhador produzir, mais será por eles alienado. O trabalhador não se realiza naquilo que produz e torna-se cada vez mais miserável em proporção ao luxo e riqueza que for capaz de produzir. Aquilo que o trabalhador produziu serve não para sua autonomia mas para sua submissão, segundo Marx.

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica. (MARX, 2001. p. 113)

Marx esclarece que o produto da atividade do trabalhador é o resumo de um processo que acontece também seguindo a lógica da alienação. Para este autor, o trabalho é para o trabalhador sinônimo de cansaço e enfado. Antes de fazer parte da sua natureza, o trabalho significa algo de estranho a ele e, pela imposição e obrigação conferida ao trabalho, o trabalhador em exercício se sente preso, e se submete a essa situação apenas para atender a outras necessidades. No trabalho, o trabalhador sente-se como uma máquina no exercício de um processo que pertence a outro, ao proprietário. Dessa forma, o homem, para se reconhecer como tal, necessita estar fora do seu ambiente de trabalho. Segundo Marx, “a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro.” (*op. cit.*, p. 114). Mais adiante, Marx afirma que:

Do mesmo modo como ele cria a sua produção como sua desrealização, como a sua punição, e o seu produto como perda, como produto que não lhe pertence, da mesma maneira cria o domínio daquele que não produz sobre a produção e o respectivo produto. Assim como aliena a própria atividade, também confere a um estranho a atividade que não lhe pertence. (op. cit., p. 119).

No processo de produção, mesmo quando o trabalhador procura meios de se reconhecer e se afirmar como possuidor de propriedades, é levado a atitudes que também o regridem da sua condição humana. Ou seja, parece contraditório, mas o fato de buscar uma vida melhor segundo os parâmetros da sociedade capitalista resulta no sacrifício das necessidades básicas de sobrevivência, como saúde e alimentação. Nesse sentido, o processo de produção na sociedade capitalista oprime e condiciona o trabalhador até mesmo quando este busca sair da condição de trabalhador subordinado à de proprietário.

A outra alienação de que fala Marx corresponde à relação do homem com os outros e consigo mesmo. O ser humano diferencia-se do animal ao agir racionalmente, e sendo sujeito de razão, age procurando o melhor para si e para a espécie humana. O animal, ao agir por instinto, procura defender a si e à sua prole, não é dotado de razão para planejar e dominar seus instintos pelo bem dos outros animais. Os seres humanos, no entanto, diferenciam-se dos animais quando conduzem suas ações para além das suas necessidades básicas de sobrevivência, agindo sobre a natureza de maneira racional, como ser genérico, correspondendo à sua natureza humana. A atividade do homem como ser genérico, ser humano, é objeto seu e é utilizada de maneira livre e racional não apenas para sua sobrevivência física.

A atividade lúcida diferencia o homem da atividade vital dos animais. Só por esse motivo é que ele é um ser genérico. Ou então, só é um ser lúdico, ou melhor, a sua vida é para ele um objeto, porque é um ser genérico. Exclusivamente por esse motivo é que a sua atividade surge como atividade livre. (MARX, 2001, p. 116)

O modo de produção capitalista aliena o homem também como ser genérico, pois, se é destituído da sua condição de pensante para a de máquina, de objeto, o homem se distancia de seu diferencial em relação aos animais e do que faria dele um ser humano, o pensamento, a atividade livre e o seu reconhecimento naquilo que faz. O homem é alienado da sua condição de ser genérico quando suas atividades se transformam em meios de satisfação das suas necessidades básicas, a ação do homem racional sobre a natureza se transforma em mera condição de sobrevivência física.

No sentido aqui exposto, o trabalho alienado faz com que o homem tenha como objetivo para suas atividades a sua sobrevivência individual e, dessa forma, ele passa a desenvolver atitudes e pensamentos voltados unicamente para esse fim. A condição racional do homem que permite agir sobre a natureza, livremente, se reconhecendo nesse processo, resulta em esquematização para tentar sobreviver como objeto que se tornou. De acordo com Marx:

Na medida em que o trabalho alienado tira do homem o elemento da sua produção, rouba-lhe do mesmo modo a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, então lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico. Do mesmo modo que o trabalho alienado degenera em meio a atividade autônoma, a atividade livre, da mesma forma, transforma a vida genérica do homem em meio à existência física. A consciência que o homem tem da própria espécie altera-se por meio da alienação, de modo que a vida genérica se transforma para ele em meio. (MARX, 2001, p. 117)

Como objetos do capital e, em face da luta pela sobrevivência como nosso objetivo nesse processo de alienação, as atitudes do homem tornam-se cada vez mais individualizadas, tornando-se assim meios que se distanciam dos que deveriam ser aqueles de quem busca de maneira racional o bem da humanidade. Ao tornar-se objeto, o homem age de acordo com uma racionalidade que impera no mundo capitalista sobre todos os homens, impondo-se como algo que lhes é exterior, direcionando dessa forma suas atitudes para atender unicamente aos objetivos do capital.

Lutar pela sobrevivência individual hoje tornou-se o objetivo maior, para tanto, o indivíduo tem que adequar aos valores impostos pelo capitalismo, como a competição e a concorrência, contribuindo para o quadro de barbárie da sociedade atual. Dessa forma, ao perceber o outro como coisa negando-o como ser humano, o indivíduo nega também a si mesmo, já que, para que eu venha a ser humano, o outro também deve ser. A essência do ser humano é desenvolvida no coletivo, em que o pensamento racional conduz o homem a atitudes que venham beneficiar não somente a si próprio, mas também aos outros, nesse sentido está a grandeza do ser humano. Se, na nossa sociedade, em virtude de todo um processo de desenvolvimento do capitalismo, o homem se coisifica, torna-se objeto, naturalizar as condições em que essa coisificação acontece é tornar natural a nossa regressão da condição humana para a de instrumentos, de máquinas à serviço do capital.

3 A RACIONALIDADE DO SISTEMA CAPITALISTA

No contexto da sociedade capitalista, se, por um lado, o desenvolvimento científico e tecnológico apresenta o processo civilizatório como evoluído, por outro, os homens nunca estiveram tão individualizados e alienados como hoje. Nessa sociedade está instaurado um quadro de violência e desrespeito ao outro que nem toda inteligência do homem na trajetória do desenvolvimento da civilização foi capaz de superar, ao contrário, parece que quanto mais nos desenvolvemos, mais regredimos da nossa condição humana.

No sentido de buscar a compreensão de como o desenvolvimento percorrido pela humanidade gerou de maneira inversa o seu declínio, Adorno e Horkheimer (1995) procuram desenvolver um pensamento capaz de conduzi-los a “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiro humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (*op. cit.*, p. 11)

No contexto da Segunda Guerra, Adorno e Horkheimer conviveram de perto com a mais expressiva manifestação de barbárie. No entanto, mesmo após tanto tempo dos

horrores de Auschwitz, a humanidade continua a afundar na barbárie, talvez não tão explicitamente, porém uma barbárie que se faz presente no nosso cotidiano, nas mais diversas atitudes e relações em que o indivíduo desconhece e desrespeita o outro para adquirir vantagem sobre ele. Estas são atitudes que levam o indivíduo a agir com agressões das mais diferentes naturezas e nos comprovam o quadro de barbárie a que chegamos. Nas palavras de Adorno,

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. (ADORNO, 1995, p. 155)

Na nossa sociedade, estamos imersos na barbárie de tal forma que nem sempre conseguimos perceber. Muitas vezes, o fato de buscar alternativas inumanas para os problemas individuais acaba sendo a única possibilidade de sobrevivência nessa sociedade em que as exigências do capitalismo para que o indivíduo se adapte à realidade brutal é condição primeira. Ao invés de indivíduos sujeitos de sua própria razão, o homem passa do processo de individuação – em que estando num coletivo, consegue manter sua autonomia enquanto pensante – para o processo de individualização – em que, ao invés de se reconhecer no coletivo, se perde como sendo objeto e não mais sujeito e, temendo assim se anular frente a esse coletivo, traça metas que estejam voltadas para si mesmo. O que está em questão, no entanto, é que não é o fato de pensar no outro que o anula, mas ele já se anulou anteriormente ao se aceitar como objeto de uma razão que, por vir de uma lógica alheia à sua condição humana, o reduz como pensante.

A razão como instrumento do capital se distanciou de seu compromisso com o universal relativo à essência humana. A razão ligada aos conceitos, o absoluto, na Grécia Antiga, fez com que o homem se posicionasse como cidadão político na construção da *pólis* discutindo, questionando e refletindo acerca dos problemas que envolviam a sociedade grega, o exercício do pensamento, que para o homem grego significava liberdade e ação política. A liberdade, o conhecimento, a razão, levaram o homem grego a refletir e procurar conduzir seus valores e atitudes em favor de um bem comum. Segundo Vernant, “é no plano político que a Razão, na Grécia, primeiramente se exprimiu, constitui-se e formou-se. A experiência social pôde tornar-se entre os gregos o objeto de uma reflexão positiva, porque se prestava, na

cidade, a um debate público de argumentos.” (VERNANT, 1996, p. 103). Mais adiante, o mesmo autor afirma que: “para o grego, o homem não se separa do cidadão; a *phrónesis*, a reflexão, é o privilégio dos homens livres que exercem correlativamente sua razão e seus direitos cívicos.” (*op. cit.*, p. 104).

A razão em seu nascimento muito se difere do que veio a ser no desenvolvimento da sociedade moderna. A razão, não mais comprometida com o desvelar da realidade, o conceito, com o universalmente válido para a humanidade, tornou-se um instrumento na dinâmica do capital, servindo não mais para o questionamento e a reflexão, mas para as conquistas individuais e imediatas. De acordo com Vernant,

*Essa razão grega não é a razão experimental da ciência contemporânea, orientada para a exploração do meio físico e cujos métodos, instrumentos intelectuais e quadros mentais foram elaborados no curso dos últimos séculos, no esforço laboriosamente continuado para conhecer e dominar a natureza [...] Este pensamento marcou profundamente a mentalidade do homem antigo; caracteriza uma civilização que não deixou, enquanto permaneceu viva, de considerar a vida pública como o coroamento da atividade humana. Para o grego, o homem não se separa do cidadão; a *phónesis*, a reflexão, é o privilégio dos homens livres que exercem correlativamente sua razão e seus direitos cívicos. (*op. cit.*, p. 103-104).*

Segundo o que afirmam Adorno e Horkheimer, a razão capaz de conduzir o homem à liberdade tornou utópica ou por demais idealista, à medida que se conferiu veracidade unicamente aos fatos passíveis de experimentação, por terem em si o caráter pragmático, a aplicação imediata. Nesse sentido, a razão empírica foi, aos poucos, sendo aceita como comprometida com a verdade, com a ciência, nesse processo, a razão perdeu seu compromisso com a verdade dos fatos e suas relações para além da realidade aparente. “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.21)

Horkheimer faz uma reflexão sobre a instrumentalização da razão que, nessa sociedade, tornou-se um meio para atingir fins determinados, o que o autor conceitua como razão subjetiva. A razão objetiva, que daria ao homem autonomia ao esclarecer os fatos, foi, nos desdobramentos da sociedade moderna, sendo substituída por uma razão que, estando a serviço do sujeito, explica os fatos de acordo com os fins a que estão propostos. Assim, o indivíduo, de posse de seus objetivos, se utiliza da razão subjetiva que servirá a seus próprios objetivos, desse modo, “a razão subjetiva se revela como a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado” (HORKHEIMER, 2000, p.13). Os indivíduos se vêem no exercício do pensamento, porém,

um pensamento com seus limites e direção já demarcados pela lógica do mercado, do capital, não libertando o homem, mas o reduzindo da sua condição de pensante, de racional. Assim, a realidade não é compreendida nas suas relações, mas aceita e legitimada a todo momento. Os homens pela razão subjetiva são manipulados por um pensamento que serve ao sistema no qual a utilidade prática e lucrativa é quem define a importância de cada atitude.

Tal mecanização é na verdade essencial à expansão da indústria; mas se isso se torna a marca característica das mentalidades, se a própria razão é instrumentalizada, tudo isso conduz a uma espécie de materialidade e cegueira, torna-se um fetiche, uma entidade mágica que é aceita ao invés de ser intelectualmente aprendida”. (op. cit., p. 31).

É contraditório, mas até mesmo o pensamento racional, que libertaria o homem das imposições subumanas desse sistema, é conivente a ele e, portanto, ao servir para justificar o real e não questioná-lo, a razão converte-se em irrazão. Não somente na fábrica a razão instrumental se faz presente, mas a ciência, a religião, a família, a mídia, a escola trazem em si expressões de uma mesma irracionalidade que aliena o homem e tendem a não deixar brechas em que a autonomia do indivíduo venha acontecer, instaurando e restaurando esse sistema a todo momento. Nesse movimento de desrazão, o homem a concebe como única razão possível o que resulta na naturalização da própria alienação e barbárie decorrentes desse sistema. Cada vez mais nos vemos mergulhados na barbárie legitimada como a saída para os nossos problemas individuais mas que, sem sabermos, ao nos afundarmos nela, nos destituímos da nossa condição de ser humano, de sujeito autônomo.

4 A CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL E A RELAÇÃO INDIVÍDUO/SOCIEDADE

No sentido aqui proposto, e em face das reflexões já realizadas sobre a racionalidade – que impera não somente no nível econômico, mas tende para a totalidade social –, compreender a relação indivíduo e sociedade e a constituição do ser social nos leva a perceber que as condições em que o ser se socializa não poderiam conduzi-lo a outra realidade que não a da submissão e adaptação. Dessa forma, é necessário compreender as contradições existentes nessa sociedade que legitimam e dão continuidade a esse sistema, inibindo as possibilidades de autonomia e emancipação do indivíduo.

Desde seu nascimento, o indivíduo está inserido em determinado momento histórico e social que influenciará seus valores e atitudes. Na constituição do indivíduo estão implícitos processos históricos com os quais ele não será capaz de romper por sua própria

vontade, o que se constituiu historicamente só poderá ser revertido também como processo histórico. Desse modo, a sociedade também não é um conjunto de indivíduos isolados que decidem quando e como podem agregar ou estar fora dela. O indivíduo é, ao mesmo tempo, expressão individual e social, o ser individual e o ser genérico, “a vida individual e a vida genérica do homem não são diferentes” (MARX, 2001, p. 140). A constituição do indivíduo e da sociedade acontece na sua dependência mútua, ou seja, o ser social só existe porque vive de acordo com uma sociedade determinada e a sociedade só existe porque os indivíduos produzem e reproduzem as condições que dão a ela continuidade, e isso só é possível porque os processos e relações constitutivos do ser social estão nele impregnados de tal forma que já fazem parte de si. Nos *Manuscritos*, Marx afirma que,

Embora se revele como indivíduo particular, e é exatamente esta peculiaridade que dele faz um indivíduo e um ser comunal individual, o homem é igualmente a totalidade, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade como pensada e sentida. Ele existe ainda na realidade como a intuição e o espírito real da existência social, como uma totalidade da manifestação humana da vida. (MARX, 2001, p. 141)

Analisando o contexto da sociedade capitalista, as condições de alienação, adaptação e redução do homem só se desenvolvem cada vez mais porque o homem a elas se submete, porém, com uma submissão consentida e buscada. Nesse sentido, faz-se necessário uma reflexão acerca da alienação pelo trabalho, a indústria cultural, a mídia, a família, que nessa sociedade ‘educam’ o ser para a mesma racionalidade da lógica do capital capaz de levar o indivíduo a lutar por sua legitimação e continuidade de maneira natural.

Adorno e Horkheimer (1985) apresentam uma reflexão em que podemos perceber a racionalidade do sistema capitalista presente até mesmo onde o indivíduo pensa estar livre de suas amarras como, por exemplo, na diversão. E, para compreender esse processo, é necessário entender a forma como o processo civilizatório mediado pela educação acontece na sociedade. A educação do homem está ligada à repressão do desejo, sua disciplina, em favor da humanidade. A repressão, para Freud é condição do processo civilizatório, ou seja, o indivíduo, ao ser educado, aprende a lidar com seus instintos, a agir racionalmente de forma que sua sobrevivência passa a existir numa relação de dependência para com a sobrevivência do outro, disciplinando a si mesmo, constituindo o processo civilizatório. “A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização” (FREUD, 2002, p. 49). Porém, na nossa sociedade, processos e relações levam o homem a uma outra repressão transvestida de liberdade, isto é, o indivíduo aparentemente não precisa mais reprimir seu desejo inicial, este é, no entanto, compensado por outros fabricados e

universalizados pela indústria cultural quando cria necessidades e ilude o indivíduo com a constante promessa de satisfação através de seus inúmeros artifícios. O indivíduo, aparentemente, não precisa mais se reprimir, pois o seu desejo primeiro, impossível de se realizar dentro do processo civilizatório, foi substituído por outros possíveis, levando-o não à repressão, mas à liberdade frente a possibilidade de satisfazê-los. Porém, esses desejos possíveis oferecidos pela indústria cultural conduzem o indivíduo a uma repressão maior do que a anterior, pois a liberdade concedida torna-se falsa mediante os produtos universalizados da indústria cultural e sua constante promessa de realização e satisfação não cumprida.

Nesse movimento, o indivíduo passa por uma dupla repressão, iludido por uma falsa liberdade que consiste no consumo dos bens padronizados e legitimados pela indústria cultural. Assim, o indivíduo transfere sua felicidade, seu prazer, para a posse das mercadorias, que, na impossibilidade de satisfação, são constantemente renovadas sob a mesma ilusão. O indivíduo convive com a ilusão de que seu desejo será satisfeito sempre que adquirir algo, freqüentar algum espetáculo ou fazer alguma viagem, e diante da não realização, a indústria cultural com certeza levará esse indivíduo a outras necessidades e, conseqüentemente, outros produtos. Segundo Adorno e Horkheimer,

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 131)

A promessa de satisfação através da substituição de outras necessidades funciona como uma estratégia de vendas em que o consumidor se sente em situação de vantagem em relação ao produto como estando este a serviço da sua vontade. O indivíduo é seduzido por um fetiche que o conduz à aquisição da mercadoria, como se ela estivesse a seu serviço. Porém, as necessidades foram criadas para que este possa reforçar constantemente sua própria manipulação. Nesse sentido, a publicidade age levando a mercadoria ao indivíduo como sendo essencial, ‘o que importa é subjugar o cliente que se imagina como distraído ou relutante.’ (*op. cit.*, p. 153). Dessa forma, a mídia lança ao mercado todos os dias um certo tipo de cultura, uma mercadoria que é produzida tendo como objetivo o mercado, o consumo, o lucro, e, sob o pretexto de alcançar as massas, a cultura é banalizada enquanto se busca alcançar o consumo em maior escala. Não é questionada a qualidade do que se produz, mas seu alcance no mercado. Assim, a indústria cultural, ao oferece à sua clientela produtos cada vez mais efêmeros, cuida de desenvolver o gosto pelo que é produzido.

A indústria cultural reflete a racionalidade do sistema capitalista que busca esquematizar os processos de forma que venham atender aos objetivos do capital, no sentido de fazer o indivíduo se ver na condição de sujeito para que ele mesmo lute por sua consolidação, distanciando-o de ser autônomo, emancipado. Enquanto a indústria cultural confere universalização e legitimação aos seus artifícios, os homens não procuram questioná-los e conhecê-los nas suas contradições. Ao contrário, imersos num contexto que não deixa brechas para o pensamento emancipador possa acontecer, o indivíduo sendo produto desse processo, age em conformidade com a realidade que ele conhece como verdade legítima e inquestionável. Nas palavras de Adorno: “através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência; jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens.” (1994, p. 97). Dessa forma, o pensamento emancipador e a autonomia do indivíduo são substituídos pela sua servidão e adaptação. Através da indústria cultural, da moda e da música, os comportamentos trazem a aparente liberdade de estilo, de vida, de preferências, mas escondem a submissão dos indivíduos frente a esse sistema que concede uma liberdade limitada, liberdade de comprar, consumir, escolher entre este ou aquele produto, entre essa ou aquela servidão. Nesse sentido, a racionalidade do sistema capitalista faz presente mesmo nos momentos em que o indivíduo pensa estar agindo segundo sua própria vontade, livre da alienação do trabalho, como por exemplo, na diversão.

Adorno e Horkheimer falam sobre a diversão como sendo um instrumento da indústria cultural, afirmando ser esta uma necessidade criada pela alienação para sustentar outro tipo de indústria, a administração do tempo livre. Segundo os autores, o trabalhador alienado se esgota física e psicologicamente de tal forma que sente a necessidade de se ausentar de seu trabalho e buscar a diversão como um meio de repor suas forças e voltar a ele com mais disposição para, assim, suportar a alienação que novamente alimentará o mesmo ciclo. Enquanto busca a diversão em viagens e espetáculos, o trabalhador contribui para a indústria das mercadorias do divertimento, é manipulado e deseja essa manipulação mesmo quando não está no exercício das suas funções, ou quando parece estar livre da opressão do processo produtivo. Dessa forma, constantemente o trabalhador se vê na necessidade da distração, porém, uma necessidade também criada para alimentar o sistema,

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber

outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128)

Ao reconhecer que a constituição do ser social nessa sociedade acontece sob a determinação da racionalidade do sistema capitalista, percebemos que os homens hoje encontram-se imersos numa condição servil antes não imaginada. Horkheimer nos leva à reflexão sobre o contexto histórico e social constitutivos do caráter do indivíduo, que o distancia cada vez mais da sua autonomia e emancipação frente à realidade. O indivíduo, na atualidade, se vê num processo de pseudoliberalidade que o impede de desenvolver um pensamento crítico e reflexivo. Essa pseudoliberalidade esconde em si poder e autoridade comparados àqueles presentes na sociedade burguesa, cuja sutileza, porém, a torna mais eficiente no sentido de trazer ao indivíduo a ilusão de domínio próprio resultando numa maior dominação.

Quando o autor nos traz a reflexão sobre a autoridade na sociedade burguesa, ressalta a família como um instrumento de coerção social que acompanhou as transformações da sociedade contemporânea, contribuindo para a constituição do ser social sob uma nova servidão, em que a relação de poder e submissão deixa de ser exercida de maneira autoritária para ser naturalizada e desejada pelos indivíduos. Dessa forma, a autoridade se transforma em pseudoliberalidade tornando os indivíduos manipuláveis com seu próprio consentimento,

As instituições culturais e os ramos de atividades, igreja, escola, literatura etc., reproduzem estas contradições no caráter dos homens; sua insuperabilidade sob as circunstâncias dadas resulta do fato de que os indivíduos acreditam agir livremente, enquanto que os traços fundamentais da própria ordem social se subtraem à vontade destas exigências isoladas. (HORKHEIMER, 1990, p. 209)

Assim como na diversão, em que o indivíduo parece estar livre da alienação e servidão do sistema capitalista, na família a manipulação se faz presente e torna-se constituída e constitutiva da sociedade capitalista. Na família tradicional burguesa, a figura do pai como autoridade sobre os filhos e a mulher, pelo fato de ser ele o provedor da casa, estava ligada à relação de poder e submissão na sociedade entre os proprietários e o proletariado. Através da família, desde cedo os filhos eram educados num ambiente de servidão, o pai tomava as decisões por aqueles que eram seus e estes aceitavam seu papel dentro da família, a submissão em casa levava-os a acostumar desde cedo com a submissão na sociedade.

Com o desenvolvimento da sociedade industrial, quando a mulher passa a dividir o mercado de trabalho com o homem, a família passa por um processo de reestruturação em que o pai deixa de ser a autoridade da casa e a educação dos filhos passa a ser transferida também a outras instituições. O enfraquecimento da família autoritária trouxe uma

pseudoliberalidade aos filhos, resultando na impossibilidade de dizer não por se acharem livres. O pai autoritário criava filhos com maior capacidade de contraposição, de individuação, de pensamento autônomo e de suportar o diferente. Enquanto na família contemporânea os filhos ‘livres’ se tornaram presos à ilusão de liberdade de maneira tal que, na incapacidade de se afirmarem como emancipados, rejeitam o diferente para não se fundir a ele. Nessa mudança, está presente a adaptação mais prejudicial à humanidade, pois nela o indivíduo é iludido no seu próprio pensamento, não havendo resistência se desfaz a possibilidade de emancipação.

A família como instrumento fundamental na constituição do ser social tornou-se de suprema necessidade para a sociedade capitalista. Manter a família é contribuir para a consolidação desse sistema bem como a submissão cega do indivíduo a ele, naturalizando-o sob a ilusão de livre escolha. Assim, o casamento, a monogamia, a estrutura familiar, tornam-se fundamentais para a manutenção da realidade, que, junto com as outras instituições da sociedade, são responsáveis pela formação do caráter do indivíduo nessa sociedade.

Se há mais de cem anos foi posta de lado a opinião de que o caráter se pode explicar a partir do indivíduo totalmente isolado e se concebe o homem como uma entidade já socializada, isto significa, ao mesmo tempo, que os impulsos e as paixões, as disposições de caráter e modos de reação foram cunhados pela respectiva relação de poder na qual se desenvolve o processo social de vida. Não só no espírito, nas idéias, nos conceitos e julgamentos fundamentais, mas também no íntimo do indivíduo, nas suas preferências e desejos se reflete a classe na qual decorre seu destino externo. (HORKHEIMER, 1990, p. 192)

Compreende-se, então, porque o indivíduo que se constitui no contexto da sociedade capitalista, cuja estrutura bem montada age de maneira às vezes sutil porém nunca desinteressada, contribui para sua individualização, alienação, distante de qualquer pensamento emancipador. Se a socialização hoje acontece mediante a dinâmica da sociedade capitalista, os valores, atitudes, o ser do indivíduo refletem, portanto, o contexto em que ele foi formado, levando-o a crer nessa realidade como a única possível, naturalizando-a e direcionando seu pensamento para sua manutenção, ao invés de questionar e buscar compreender suas contradições.

5 EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E EMANCIPAÇÃO

Ao buscar compreender as condições que nessa sociedade envolvem a constituição do ser social, podemos questionar se não há uma saída para que o indivíduo venha desenvolver sua autonomia contrariando a ordem existente? Segundo Freud (2002), como condição primeira de sobrevivência, o homem deve negar seu primeiro desejo instintivo

em favor da humanidade, a repressão é condição da civilização e sobrevivência do homem. Ao ser educado, o homem reprime seu desejo cedendo ao processo civilizatório, aprendendo a dominar seus instintos e a agir racionalmente, garantindo a sua condição humana e a do outro numa relação em que só é possível ser humano quando o outro também o é. No entanto, a repressão presente nos processos educativos do contexto da sociedade capitalista tem contribuído não para a emancipação do indivíduo, para o bem comum, mas para a alienação e objetivos individualizados, uma repressão sob forma de liberdade, liberdade essa de consumir, de competir.

Ao procurar compreender as contradições que envolvem a educação do ser humano frente às necessidades impostas pela lógica do capital, recorro à Kant, quando o autor nos afirma que “o homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1996, p.12) e, dessa única forma, poderá conquistar sua condição de ser humano que seja sujeito de um pensamento autônomo capaz de, como indivíduo, pensar no coletivo sem se anular frente a ele.

Ainda segundo Kant, o animal ao nascer, e não todos eles, precisa apenas ser alimentado, aquecido ou protegido, e, após algum tempo, o próprio instinto do animal será suficiente para sua sobrevivência, como se obedecesse a uma razão exterior já antes determinada. Ao contrário, o homem necessita da educação, que, para Kant, compreende cuidados que a criança recebe desde pequena, evitando assim ser vítima de suas próprias forças, disciplina e instrução, com as quais o homem dominará seus instintos, sua natureza que tende à liberdade, para assim se submeter às ‘leis da humanidade’. O homem não é como o animal que atende uma razão exterior à ele, mas tem necessidade da sua própria razão. O homem, pela educação, domina a si mesmo de maneira racional, diferente da repressão imposta pelo sistema capitalista em que o indivíduo se aliena e se envolve de maneira tal que se sente senhor de razão enquanto é manipulado pela irracionalidade do sistema.

Pela educação, o homem aprende a pensar e a agir racionalmente, segundo o interesse da humanidade, correspondendo à superioridade do homem em relação às outras espécies. Um projeto que, segundo Kant, não acontece individualmente, mas no coletivo, as gerações precedentes passam seus conhecimentos às gerações futuras conduzindo assim o homem a desempenhar atitudes para o bem, o que segundo sua natureza rude, e por si mesmo, não seria capaz.

O homem tem necessidade de sua própria razão. Não tem instinto, e precisa formar por si o projeto de sua conduta. Entretanto, porque ele não tem a capacidade imediata de o realizar, mas vem ao mundo em estado bruto, outros devem fazê-lo por ele’. (KANT, 1996, p. 12).

Ao compreender a necessidade que o homem tem da sua própria razão e assim, como ser humano, evoluir na busca de um bem comum, reflito sobre as questões atuais nas quais se percebe com facilidade que esse ideal de educação e, conseqüentemente, de ser humano, não condiz com o processo civilizatório amparado pelo desenvolvimento do capitalismo na sociedade contemporânea. Com o desenvolvimento do capitalismo, a redução do sentido da educação veio servir como um meio pelo qual o homem, longe de ser educado como ser humano com interesses voltados à coletividade, tem sido cada vez mais individualizado e induzido a agir como máquina a serviço do capital. Assim, aqueles que deveriam ser ambientes educativos tornam-se ambientes de treinamento de algumas habilidades com objetivos unicamente voltados para o sucesso do indivíduo no mercado de trabalho, distantes dos objetivos que deveriam ser aqueles de quem luta por uma sociedade humana, na qual haja respeito ao outro, a si mesmo e ao que é público.

O termo 'educação' hoje tem sido conferido apenas às práticas escolares e, na escola, têm sido depositadas todas as apostas para uma sociedade mais humana. Ao me confrontar com os valores legitimados pela sociedade capitalista em que o sucesso do capital está acima de tudo, percebo a escola imersa num conflito constante, ou seja, a sociedade, ao cobrar da escola uma formação capaz de levar o aluno a ter sucesso e garantir uma vaga no mercado de trabalho, também questiona como a escola não tem sido capaz de formar o indivíduo dotado de atitudes fundadas no respeito ao outro, às leis, nos sentimentos de solidariedade, de humanidade. É claro que, nesse embate, a sociedade desconhece ser ela mesma como um todo quem forma o indivíduo, e, na maioria das vezes, os processos ditos educativos vividos pelo indivíduo fora do espaço escolar acabam por prevalecer, o que constatamos, por exemplo, quando a escola deixa de ser espaço de reflexão, para ser palco de violência que retrata a barbárie presente no nosso cotidiano nas mais simples e diversas situações.

Nesse embate entre os valores materiais e humanos, a escola – frente a uma responsabilidade imposta como sua unicamente, enquanto se trata de um problema que não foi gerado dentro de seus muros e, portanto, não conseguirá resolver sozinha – se deixa levar pelas exigências do sistema e passa a ter como preocupação maior formar o aluno com habilidades profissionais de acordo com o mercado de trabalho. Assim, para não perder espaço no mercado, as escolas se adequam implantando cursos variados com duração e qualidade cada vez mais duvidosas. O que está em questão, nesse caso, é o sucesso do aluno no mercado de trabalho, o seu ingresso numa universidade de renome. Na verdade, a escola se tornou uma empresa, uma espécie de indústria onde irá ser fabricado o produto, aluno, que irá

ser consumido pelo mercado de trabalho. É claro que aqui os valores humanos não têm importância, o pensamento racional é utopia frente à utilidade imediata pregada pela razão subjetiva.

A escola legitimada como espaço de educação emancipadora não se realiza como tal. Tem sido mais um espaço de treinamento e desenvolvimento de algumas habilidades físicas e psicológicas e, ao invés de educação, tem se transformado num meio de adaptação e regressão do pensamento. Como vemos, estamos num emaranhado de idéias que nos convencem a todo instante de que esse é o meio legítimo e único de sobrevivência, conferindo-lhe uma naturalidade tão convincente que sequer nos atrevemos a pensar outras hipóteses. Não podemos esquecer, no entanto, que esse conformismo e as justificativas impostas pela razão subjetiva têm instaurado a barbárie no nosso cotidiano, podendo acontecer da maneira mais simples e sutil até os modos mais absurdos como os abusos da Segunda Guerra, ou, recentemente, a guerra no Iraque. Segundo Adorno (1995),

A barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente em objetivos racionais na sociedade, onde exista portanto a identificação com a erupção da violência física.” (op. cit., p. 159).

Quando falo das potencialidades da educação enquanto formadora do ser humano frente aos problemas atuais, retomo as reflexões sobre educação que Adorno nos traz. Segundo o autor, educação é aquela que forma o sujeito racional, não segundo a razão instrumental, manipuladora, mas segundo o pensamento que eleva o homem a desenvolver um pensamento autônomo. A educação em seu verdadeiro sentido está comprometida com a verdade que vai além da aparência imediata, e, para tanto, se faz fundamental reconhecer a realidade e suas relações, buscar os fatos que a constituem, pois, somente através do pensamento autônomo, tomando conhecimento verdadeiro acerca do mundo, o homem se liberta, se desprende de sua condição primitiva e consegue se encontrar como ser humano. Adorno, ao reconhecer os desvios do pensamento manipulado, aponta o objetivo primeiro do esclarecimento como “de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19). A educação, conforme o que diz Adorno, não se refere

À assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política.” (ADORNO, 1995, p. 141)

É claro que falar em possibilidades da educação emancipadora na sociedade hoje é um tanto idealista, visto que existe uma certa resistência ao conceito de educação para negar sua complexidade e até fugir dos problemas atuais. As possibilidades existem na educação, mas, numa sociedade em que os valores materiais estão acima de tudo e todos, parece não haver espaço para que essas possibilidades aconteçam. Porém, o fato de nos inquietarmos frente aos problemas atuais e quisermos compreendê-los nas suas relações históricas, econômicas e sociais, já é um ato de autonomia. “...o simples fato de a questão da barbárie estar no centro da consciência provocaria por si uma mudança” (*op. cit.*, p. 157), mas ao abrir mão do pensamento racional frente à razão subjetiva que é exterior, abrimos mão também da única maneira de buscarmos nossa essência enquanto seres humanos.

6 CONCLUSÃO

Através do raciocínio aqui exposto, podemos perceber a macro-estrutura do sistema capitalista que tende a não deixar brechas para que a autonomia do indivíduo possa acontecer, e assim, com a razão instrumental, faz dos meios de libertação do homem seu instrumento de servidão, conduzindo o indivíduo a desejar sua continuidade. O capitalismo, efetivado na propriedade privada, resultou na alienação do homem e sua redução como ser autônomo para a de mero servidor ou máquina. O pensamento como única possibilidade de libertação seguiu a mesma lógica com a razão subjetiva, e a educação que levaria o homem a desenvolver atitudes racionais e coerentes com a essência da humanidade tornou-se objeto de conquista de espaço no mercado de trabalho. Voltar e conduzir o homem a se realizar como humano seria reverter todo o processo histórico e social nas suas múltiplas relações constitutivas.

A redução do homem persiste enquanto persistirem os processos históricos que a constituíram. Assim, enquanto existir a propriedade privada, os homens estarão alienados, como objetos do capital, reforçando essa condição sob a ilusão de liberdade. A propriedade privada é o produto final da alienação e sua propulsora e o capitalismo instaura a redução do homem ao mesmo tempo em que é alimentado por ela.

O reconhecimento da razão instrumental nos leva à necessidade de refletirmos acerca das contradições da nossa sociedade que se escondem sob sua aparência. Ao reconhecer o pensamento como meio de libertação, o fato de estar no exercício de reflexão, procurar compreender a realidade para além do imediato, bem como as relações e contradições que a constituem, já é um exercício de autonomia. Sair do imediato e perceber o

que de fato permeia as atitudes e os processos na sociedade só pode ser realizado através do pensamento autônomo. A razão instrumental impede esse exercício enquanto que o pensamento emancipador busca desvelar a realidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____, Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. A indústria cultural. In: Gabriel Cohn (org). *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1994. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 2002.

HORKHEIMER, Max. Meios e Fins. In: *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro Editora, 2000.

_____. *Teoria Crítica*. Tradução de Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos Filosóficos*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

VERNANT, Jean Pierre . *As origens do pensamento grego*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Lenildes Ribeiro da Silva
E-mail: lenildesribeiro@hotmail.com

Recebido: 11/02/2005
Aprovado: 10/06/2005